

Mocidade Cristã

Ano XIV

Outubro a Dezembro de 1952

Número 57

China

Escrevemos êste artigo a fim de despertar o interesse dos leitores pela Igreja na China. Durante o período de dificuldades e sofrimento, os crentes devem interceder pelos seus irmãos naquele grande país.

A China é um dos maiores países do mundo, tem uma população de 450 milhões de pessoas. Sua civilização é antiquíssima. A religião é o budismo ou o maometanismo, porém os mais educados são adeptos de Confúcio. Até a primeira metade do século passado a China era um país fechado aos estrangeiros. O Cristianismo entrou lá no sexto século por meio de missionários da igreja nestoriana, mas a fé cristã foi gradualmente abafada. O pioneiro da evangelização moderna na China foi Roberto Morrison. Ele arriscou a vida para aprender a língua; então compilou um dicionário chinês-inglês, traduziu a Bíblia para a língua chinesa e escreveu um comentário sobre as Santas Escrituras no mesmo idioma. Assim fabricou a «chave de ouro» para abrir a «porta de ferro» para os missionários entrarem mais tarde. Tudo isto foi efetuado nos primeiros vinte anos do século passado. Trinta ou quarenta anos depois os países da Europa obrigaram a China a abrir seus portos para o comércio e para viajantes. As sociedades missionárias então aproveitaram a oportunidade para entrarem, tanto protestantes como católicas. A princípio o trabalho era feito nos portos, no litoral. Mais tarde um missionário muito dedicado e zeloso, Hudson

Taylor, fundou a «China Inland Mission» para trabalhar no interior. Era homem de grande fé e visão, e tomou o exemplo de seu amigo, George Muller, com respeito a finanças; jamais pediu dinheiro. O trabalho cresceu; recentemente estavam em atividade mil missionários desta missão, na China. No ano de 1900 houve uma grande perseguição movida contra os cristãos e muitos missionários e cren tes chineses foram massacrados. Os governos da Europa mandaram exércitos para salvar as vidas dos estrangeiros, e obrigaram a China a conceder-lhes liberdade. Até a última guerra mundial houve liberdade e a Igreja crescia.

Nossos leitores talvez desejem ouvir algo mais das condições atuais na China, sob o regime comunista, a fim de orar mais inteligentemente pelos seus irmãos que sofrem naquele vasto país. Para explicar a posição da Igreja será necessário referir às circunstâncias políticas e à grande revolução por que o país tem passado.

A China não era muito unida. A corrupção prevalecia em toda parte; na administração governamental e municipal. A maior parte do povo se dedica à agricultura, especialmente ao cultivo do arroz, seu alimento principal. Os grandes proprietários ou fazendeiros oprimiam os trabalhadores. A justiça social era mal administrada, favorecendo os ricos em detrimento dos pobres. O grande inimigo da China era o Japão; antes de rebentar a segunda guerra mundial na Europa, o Japão já invadira a China. Ela não estava preparada, assim o inimigo avançou, devastando, queimando, roubando, matando e

bombardeando em toda parte. Milhões de chineses fugiram para o interior, milhares morreram. Resistiram aos japoneses até ao fim. Havia grupos de comunistas que lutavam juntamente com os nacionalistas. Depois da guerra os dois partidos se acusaram mutuamente de afrouxamento durante a guerra. O Presidente era o Generalíssimo Chiang Kai-Chek, que se professa cristão. Terminando a guerra, os exércitos japoneses foram obrigados pelos aliados a sair da China. Então rebentou a guerra civil entre comunistas e nacionalistas.

Por esse tempo a Rússia organizara grupos de chineses, como propagandistas e militares. Estavam cheios de entusiasmo e desejavam sinceramente endireitar os males de que sua pátria sofria. Havia um exército de chineses bem treinado pelos russos que estava equipado com armas modernas. O seu chefe era (e é ainda) Mao Tze-Tung, que tem manifestado habilidade como general. Os nacionalistas não estavam bem organizados, e reinava a corrupção entre os generais. O Generalíssimo não tinha força para reprimir esse grande mal. Os americanos, a princípio, atenderam ao apelo de Chiang Kai-Chek e sua Senhora; esta era sua embaixatriz (mulher de grande capacidade e cristã sincera). O General Marshall (americano) foi enviado para inspecionar as condições e, vendo que não havia esperança de melhora, foi negado mais auxílio aos chineses. O resultado foi que os nacionalistas foram derrotados. O Generalíssimo e sua comitiva se retiraram para a Ilha Formosa, enquanto os comunistas tomavam conta da China, firmando o regime. Propagandistas foram enviados a toda parte; entravam nas aldeias com procissões e trombetas, fazendo discursos e promessas extra-

vagantes. Então os proprietários e fazendeiros eram chamados a comparecer perante os tribunais públicos. Muitas acusações eram feitas contra esses homens, algumas falsas, outras verdadeiras, mas o resultado, em geral, era o mesmo; eram condenados a ser «liquidados» sem demora e publicamente. Todo o povo era obrigado a estar presente para ver os condenados ou fuzilados ou decapitados. As escrituras das suas propriedades eram queimadas publicamente. Depois, as terras eram divididas em lotes entre o povo. Em muitos casos a divisão não era bastante para um homem sustentar sua família, especialmente com os impostos pesados que o novo governo exigiu. Nas cidades, os antigos chefes e grandes proprietários foram «liquidados». Os donos de pequenas propriedades e lojas foram taxados até se verem obrigados a vender tudo para pagar os impostos. Centenas de milhares de jovens foram escolhidos para o exército, e depois enviados para servir na guerra na Coréia, onde muitos milhares já morreram. Os estudantes em geral ficaram entusiasmados pelo novo regime, não tendo nada que perder, e esperam que haja uma espécie de «Milênio». É provável que o novo governo faça o mesmo que os outros países atrás da «Cortina de Ferro», onde o terreno tem sido tirado dos situantes e os donos têm de trabalhar como jornaleiros nas «fazendas coletivas» do governo.

Nosso interesse está na Igreja na China e o progresso do Evangelho naquele país. Segundo os relatórios dos missionários, e todos concordam, ingleses e americanos, entendemos que a posição é a seguinte:

As igrejas cristãs foram informadas que o novo regime proibiu qualquer relação com países «capitalistas» e o missionário estrangeiro, sendo

considerado «embaixador» de tais países, era suspeito. O missionário também achou mais e mais difícil receber fundos de seu país. Muitos foram interrogados pelas autoridades. Assim, sua posição tornou-se intolerável, trazendo suspeita sobre seu rebanho. Resolveram deixar o país tão cedo quanto possível, para aliviar a posição dos crentes chineses. Os cristãos chineses têm sofrido também. Alguns têm sido mortos, embora não seja política do governo comunista matar os cristãos, mas têm de sofrer de outra maneira. Alguns, a fim de participar da divisão dos terrenos, foram obrigados a renunciar a fé cristã. Outros têm confessado Cristo com coragem. Há alguns líderes que já abraçaram o modernismo, agora são propagandistas do comunismo e denunciam seus velhos amigos, os países «capitalistas» que, outrora, os auxiliaram. Outros crentes, sentindo sua responsabilidade, estão servindo ao Senhor com fidelidade. Temos lido notícia também do lado dos comunistas, mas não está em conflito com os fatos que citamos. Segue agora excertos do relatório dum missionário que foi testemunha dos fatos narrados:—

Relatório

Tenho visto criancinhas nuas, seus corpos cobertos de chagas, seus olhos vermelhos de lágrimas, crianças perdidas, frias e destituídas, ficando na chuva, no frio, famintas e miseráveis.

Mas os sofredores não são todos crianças, porque muitos, agora des-
tituídos, eram, há pouco, ricos, edu-
cados e honrados. Alguns eram bons
cristãos que sofreram porque tinham
coragem de confessar Cristo perante
os comunistas.

Muitos chineses e missionários e homens de negócios estrangeiros, têm sido «interrogados» pela polícia comunista. Doze comunistas tomam

parte numa interrogação, continuando todo o dia e toda a noite, porque a polícia faz as perguntas em turmas. E' o sistema russo; fazem o interrogado tão cansado e abatido que confessa qualquer coisa para terminar a tortura.

As execuções em massa são feitas em público e todos são obrigados a «apreciar» o espetáculo horrível. A classe profissional tem sofrido, porque muitos não mostram bastante ânimo em apoiar o novo regime. Seus juízes são ignorantes; sentem que o poder está agora nas suas mãos. Nas fábricas o gerente não ousa repreender um operário, porque são eles que têm o poder.

A inflação do dinheiro continua. O dólar americano agora vale 20.000 dos chineses. O preço de tudo está subindo e os impostos são pesados.

A Igreja de Deus tem passado pelas piores provas e perseguições durante sua história e vai sair vitoriosa desta calamidade. Os crentes do Brasil devem orar pelos irmãos que sofrem na China.

W. Anglin.

Modernismo

(continuação)

Fêz bem ou fêz mal, a ordem de extermínio dos habitantes de Canaan? Foi mandado por nosso Deus. No primeiro dia de Novembro (Dia de «Todos os Santos») de 1755, um terremoto destruiu Lisboa, capital de Portugal. Dizem que 50.000 pessoas morreram naquele dia. Se contarmos o número de pessoas mortas em desastres semelhantes, conhecidos como «atos de Deus», somarão em milhões. Quem fêz toda esta destruição? Foi nosso Deus de amor. Será que o povo de Lisboa era pior do que os cidadãos de Paris no mesmo ano?

Provavelmente que não. Mas sabemos que os cananeus foram poupanos até «a medida da sua iniquidade» se encher. Para Deus que diferença havia entre a destruição dos cananeus e sodomitas? Mas a dificuldade é do lado humano.

Hoje não somos chamados para servir a Deus desta maneira. Mas as condições no tempo de Josué eram muito diferentes. Jeová queria ensinar aos israelitas Seu ódio pela idolatria e pelas abominações praticadas pelos cananeus. Ele sabia também que se poupassem o povo, deixariam as raízes dos grandes males que brotariam outra vez, que eles seriam como espinhos na carne dos israelitas. E por não obedecer a Jeová, os israelitas sofreram duramente durante os seguintes 300 anos. Também o povo caiu nos mesmos vícios e práticas do pagão. O que o modernista chama «vingança» era o justo juízo de Deus. Os israelitas não destruiram as nações num espírito vingativo, mas porque Deus lhes mandou fazer o castigo. Um dos costumes do pagão era o sacrifício de seus filhos a Moleque, levando as crianças para jogá-las na boca de um grande ídolo com um fogo atrás feito pelos sacerdotes pagãos. Evidentemente os israelitas não foram brutalizados pela matança das nações, porém mais tarde se tornaram brutalizados pelos costumes dos pagãos. A conduta de Josué e dos israelitas ao povo de Gibeon, por exemplo, foi muito superior aos tratados feitos por Hitler na última guerra, ou às crueldades do Gestapo e campos de concentração na Alemanha e na Rússia. As leis das nações chamadas cristãs, são baseadas nas leis que Jeová deu aos israelitas. Infelizmente não são guardadas hoje com tanto capricho como em Israel — as leis acerca do suborno, por exemplo.

E verdade que Deus é amor, mas

Deus é luz, Deus é justo. Ele não sacrifica justiça por amor. A segunda mentira da Serpente foi «não morreis», assim negando a justiça e castigo de Deus por causa do pecado. O Senhor Jesus falou palavras solenes sobre o juízo de Deus. Deus castigou o povo de Canaan por causa da sua iniquidade. Mas o mesmo Deus entregou Seu Único Filho à morte — não a morte de espada, mas a morte muito mais cruel, à morte de Cruz. Por que foi que Ele sofreu tanto? Porque Ele foi feito pecado por nós. Morreu debaixo do juízo de Deus, a fim de satisfazer a justiça divina. O Salmo 22 começa com as palavras proferidas por Jesus da Cruz: «Por que me desamparaste?» O segundo versículo supre a resposta: «Tu és santo». As pessoas que criticam o Deus do Velho Testamento não conhecem o Deus do Novo Testamento.

Durante a guerra civil na América do Norte, há noventa anos, o Presidente Abraão Lincoln, depois de 4 anos de guerra e derramamento do sangue dum milhão de soldados, falou: «Esperamos e oramos fervorosamente para que o castigo da guerra passe depressa agora. Mas, se Deus quiser que continue até que todo o tesouro amontoado pelo trabalho do escravo durante 250 anos seja gasto, até que todas as gotas de sangue tiradas com o chicote sejam pagas por outras, pela espada, como foi dito há três mil anos, ainda temos de dizer que «os juízos do Senhor são verdadeiros e justos juntamente» (Salmo 19:9).» Lincoln reconheceu que Deus exigiu o sangue tirado dos escravos pelo chicote, e que o dinheiro que não foi pago pelo serviço dêles durante 250 anos, foi pago pelo custo da guerra. Era a justiça de Deus.

Em vez de criticar os caminhos de Deus com nossos pequenos entendimentos, é melhor dizer com Isaías e

Paulo acerca de Jeová-Deus: «O' profundidade das riquezas tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!»

O resultado de negar a inspiração e autoridade do Velho Testamento é que em vez de a Palavra ser nosso padrão, e juiz de nossa vida e conduta, será nossa mente que julga a Bíblia, e torna-se o padrão. Um modernista escreve: «Se eu leio uma parte da Bíblia que não fala ao coração, esta parte da Bíblia não é a Palavra de Deus!» Isto quer dizer: o ladrão que lê «não furtarás», se o mandamento não apela ao seu coração, então não é a Palavra de Deus! Por mais vicioso que seja o homem, ao menos as palavras da Bíblia falarão ao seu coração.

Além de tudo, temos a palavra infalível do Filho de Deus: «O' nescios e tardos de coração para crer TUDO o que os profetas disseram!» Notemos que somos tolos se não aceitarmos TUDO que os profetas disseram (Lucas 24:25), e no mesmo capítulo (v. 44) «convinha que se cumprisse TUDO o que de Mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos», isto é, todos os livros do Velho Testamento de nossa Bíblia de hoje. O Senhor chama aos modernistas «nescios». A Bíblia é como um caderno; tira-se uma página na primeira parte e solta-se uma página atrás. Tiram-se páginas no Velho Testamento e perdem-se páginas no Novo Testamento. A lealdade ao Senhor Jesus exige fé no Velho Testamento.

W. Anglin

verdade que a justificação, e as bênçãos que dela decorrem, são por graça e recebidas por fé, cita uma objeção plausível. «Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?» Isto é uma inferência: quanto mais pecado houver, mais graça haverá que o justifique. O Apóstolo então demonstra que não será assim, porque há outras influências que operam na vida cristã e que impedem o desejo de continuar em pecado. A mesma graça que justifica, operando no coração do crente, resulta no desejo de agradar e servir o novo Mestre.

Ele, então, refere-se ao primeiro rito cristão, o BATISMO. Significa morte e sepultamento em figura, pois todos que foram batizados, foram «submersos em Sua morte» e, simbolicamente, sepultados e ressuscitados para andar numa nova vida, agradável ao novo Mestre. Mudando a figura, o Apóstolo diz: «Fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte e o seremos com Ele na Sua ressurreição». Fomos pelo batismo identificados com Cristo em Sua morte e sepultamento, também numa nova vida em ressurreição. O homem velho desapareceu em figura e um novo homem apareceu.

Neste capítulo o PECADO (a velha natureza pecaminosa) é considerado como um senhor a quem estávamos servindo em escravidão. O pecado dominava sobre nós, e ninguém podia livrar-se de seu domínio. Seu ordenado é a morte (v. 23).

Podemos ver na história dos israelitas uma figura destas verdades. No Egito (figura do mundo) ficaram sob o domínio de Faraó e sob o chicote dos egípcios. Foram libertados de duas maneiras. Primeiramente pelo sangue do cordeiro, o qual foi aspergido nos umbrais das casas. Depois foram libertados do domínio de Faraó pelo Mar Vermelho, onde foram também «batizados» a Moisés, como um

Estudos na Epistola aos Romanos

(Continuação)

Capítulo 6

O Apóstolo, tendo estabelecido a

rito que iniciou o povo de Deus numa nova vida sob a direção de Moisés. Assim, o novo convertido é batizado AO Senhor Jesus como Seu Salvador, Libertador, Guia e Mestre. Nem Satanás nem o Pecado tem o direito de dominar nossa vida, porque fomos remidos pela morte (o sangue) de Jesus, e libertados do domínio do pecado para seguir a justiça.

Ilustração

Dizem que um velho irmão certa vez, depois do batismo dum novo crente, ficou escandalizado quando descobriu no tanque um cachimbo. Ficou satisfeito, porém, quando o ex-fumante que acabava de batizar-se explicou que deixou este símbolo de sua escravidão a um vício, onde devia estar — o lugar de morte e sepultamento.

Continuando em nosso capítulo, reparamos três palavras-chaves que representam três passos na vida cristã. As palavras são: SABENDO (v. 6 e 9), CONSIDERAIS-VOS (v. 11), e APRESENTAI-VOS (v. 13 e 19).

SABENDO. Não é sómente um conhecimento intelectual, mas também uma convicção íntima do coração. Sabemos que temos um novo Senhor, e estamos como mortos ao velho patrão, o PECADO.

CONSIDERAIS-vos. Temos de agir de acordo com o nosso conhecimento, não obedecendo ao velho senhor (o pecado), porque ele não tem mais direito sobre nós.

APRESENTAI-vos. Temos de apresentar nossas vidas como servos de justiça, em vez de sermos, como outrora, servos do pecado.

Vamos dar uma ilustração destas verdades.

Trinta anos depois da abolição no império britânico, a escravatura ainda existia nos Estados Unidos. Terminou durante a guerra civil americana do norte.

Neste intervalo um navio inglês visitou um dos portos dos Estados Unidos e um americano veio a bordo para visitar o capitão, trazendo consigo um escravo para carregar um presente. Enquanto o visitante jantava com o capitão, na sala, os marinheiros ingleses mostraram a bandeira britânica flutuando no mastro, e explicaram que sob a proteção daquela bandeira não existia escravatura. O navio britânico era como um pedaço da Inglaterra, por isso ele não era escravo, enquanto ficasse ali. O africano ficou sabendo. Resolveu então aproveitar a ocasião e considerar-se homem livre. Quando o patrão subiu e o mandou desembarcar, o escravo recusou, dizendo que não queria mais servi-lo. O americano ameaçou espancá-lo, mas o escravo permaneceu firme. Furioso, o patrão pediu ao capitão que o ajudasse na dificuldade que surgira. Este, porém, respondeu: «O amigo deve me desculpar, mas o que seu servo diz é verdade; enquanto estiver neste navio, o senhor pode pedir a ele que se desembarque, mas não o pode mandar, porque aqui não é seu escravo». O capitão simpatizava com o pobre homem e não o queria expulsar do seu navio. Por isso o americano, mal-satisfeito, foi-se embora sózinho. O ex-escravo, porém, ficou muito satisfeito e ofereceu seu serviço como cozinheiro no navio. Assim, tomou o terceiro passo, apresentou-se, e seu serviço, ao novo senhor, como servo livre, para seguir uma nova vida, não mais sujeito ao chicote.

Devemos notar os dois últimos versículos. Na nova vida devemos produzir o fruto de santificação, isto é, separação do mal e do pecado.

O vers. 23 mostra que há duas alternativas. O pecado traz a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna.

Correspondência

De vez em quando recebemos perguntas por escrito e verbalmente, a respeito de crianças que se comportam mal nas reuniões ou na Escola Dominical.

As vezes a pergunta refere-se a meninos de 3 ou 4 anos; outras vezes a meninos de dez ou doze anos. Qual a melhor maneira de tratar êsses delinquentes?

Resposta. Há naturalmente grande diferença na natureza das crianças. Alguns são fáceis e outras difíceis de criar. Não acreditamos que haja crianças tão selvagens que não há meio de as «amansar», se o caso fôr tratado com jeito, firmeza e disciplina.

A nosso ver, é mais difícil entender como certas crianças «bravas», cujos pais não usaram nem disciplina nem firmeza, se transformam em homens e mulheres mansos e bons. No caso dos crentes é, principalmente, devido à graça de Deus operando no coração. Em outros casos, tais coisas como doenças e acidentes podem contribuir para mudar a natureza. Mas o inimigo principal nos casos difíceis é o «sentimentalismo» dos pais ou professores. As crianças devem ser criadas para obedecerem a lei dos pais, e se não os obedecerem, serão menos capazes de respeitar sua fé cristã. As crianças, cujos pais não as impedem de brincar, conversar ou andar na Casa de Oração durante o culto, não são criadas para respeitar as coisas de Deus. Devem ser treinadas primeiramente a ficar caladinhas durante o culto doméstico, em casa. Temos reparado, várias vezes, crianças indo do pai à mãe, correndo, durante a pregação.

Quando uma criança se comportar mal, em ocasiões assim, seria bom se o pai lhe explicasse que seu ato é ofensa grave. Deve acrescentar: «Se

você proceder assim outra vez, será castigado severamente». Naturalmente, se o menino repete a ofensa e o pai se esquece da «promessa», a criança ha de continuar com o mau procedimento ou piorar; também aprenderá que «papai é mentiroso».

Na Escola Dominical o professor não deve, de modo nenhum, deixar um rapaz fazer arte na classe ou perturbar a atenção dos seus companheiros. Se continuar, deve ser expulso da Escola. Há pouco tempo lemos dum professor que tomou conta duma classe de garotos mal-criados. A primeira coisa que fêz foi expulsar o «terror da classe». Depois o professor foi à casa do rapaz para conversar com ele particularmente, e em pouco tempo o insubordinado se converteu e tornou-se amigo dêle. Recentemente lemos um livro, escrito por uma pessoa de experiência; na sua opinião, o rapaz que fôr expulso da classe devido a mau procedimento, terá mais probabilidade de converter-se do que se fôsse permitido continuar nela com sua má conduta. Um rapaz dessa qualidade não respeita a moleza, mas entende bem o que é firmeza e fôrça.

Ouvimos uma história que nos faz lembrar da maneira como alguns pais criam seus filhos.

Pedrinho foi com sua mãe visitar uma grande loja em Londres. Esta senhora mostrou a seu filho um cavalo-de-pau que balançava, e Pedrinho montou nêle muito contente. A mãe disse-lhe: «O' Pedrinho, eu vou visitar outros departamentos da loja e voltarei dentro de quinze minutos. Podes andar a cavalo até eu voltar.» Quinze minutos depois, a senhora apareceu e disse ao filho: «Agora, meu filho, tens andado a cavalo muito tempo, devemos voltar para casa.» Pedrinho respondeu: «Não vou. A mãe, então, lhe disse: «Mas, querido, está na hora, se não chegaremos

tarde para tomar nosso chá (refeição). «Não vou», disse o menino outra vez e cada vez que a mãe procurou persuadí-lo a acompanhá-la. Algumas pessoas ajuntaram-se ao redor e davam conselhos à senhora. Enfim, uma delas teve inspiração e exclamou: «Na próxima rua mora o Dr. X, que é um psicólogo; a senhora deve mandar chamá-lo». Um rapaz foi despachado para chamar o célebre médico, que chegou a correr, não sabendo de que se tratava. Exploram-lhe a grande dificuldade. O psicólogo foi a Pedrinho e falou alguma coisa em seu ouvido, numa voz muito baixa. Imediatamente o menino desceu do cavalo e pegou na mão da mãe, acompanhando-a mansamente. Ela ficou muito satisfeita e a gente em redor maravilhou-se da «magia» do médico. No bonde a mãe perguntou a Pedrinho o que o bondoso cavaleiro lhe falara antes de ele apesar do cavalo. O menino respondeu que o médico lhe disse: «Se não apesar do cavalo já, já, darei em você uma grande sova com minha bengala». A senhora, coitada, não pensara em «psicologia» tão simples e eficaz.

Perguntas e Respostas

Pergunta 1. E lícito cantar um hino enquanto passam os emblemas na Santa Ceia?

Resposta. A palavra «lícito» não tem cabimento porque não há lei. É melhor dizer: «É expediente» ou «de proveito».

Julgamos que como um costume, não seria para o proveito. Preferimos ficar em silêncio com nossos próprios pensamentos. Será inconveniente no momento de tomar os emblemas.

Pergunta 2. Quais são os «santos padres»?

Resposta. «Santos padres» é o títu-

lo católico romano dado aos pais da Igreja que existiam durante os primeiros séculos do cristianismo, tais como Inácio, Justino, Policarpo, Ireneu, Jerônimo, Agostinho, etc.

A palavra «padre» significa «pai». É usada para designar os sacerdotes da Igreja católica. Têm sido adotada também em vários países como apelido dos capelões protestantes no exército.

Pergunta 3. O convertido que parte dêste mundo, porventura irá ao céu no mesmo instante da morte?

Resposta. É muito claro que o crente, no momento de morrer, estará na presença do Senhor Jesus (Fil. 1:23, 2. Cor. 5:6,8,9). Isto refere-se aos espíritos dos crentes. Os corpos serão unidos com os espíritos depois da resurreição.

Pergunta 4. São as palavras em 1 Tim. 2:9 «tranças» e «ouro» separadas pela palavra «ou», ou deve ser «tranças de ouro»?

Resposta. São separadas pela palavra «e» nas versões modernas. O texto é: «não com tranças e com ouro». Nova versão, feita recentemente no Brasil, traz: «não com cabeleira frisada e com ouro». O Apóstolo Paulo refere-se a alguma moda mundana, quanto ao uso do cabelo, a qual as mulheres mais modestas não usavam. Devemos tomar o espírito da exortação. Quer dizer: «não seguindo de perto as modas mundanas». O versículo não condena crianças que usam tranças, mas o que é usado meramente por vaidade.

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade